



FILOSOFIA MEDIEVAL



Sanctus / Dominicus

Sanctus / Augustinus



FILOSOFIA MEDIEVAL

Conheça a filosofia medieval que ficou marcada pelo pensamento cristão.

Esta subárea é composta pela apostila:

1. Filosofia Medieval



FILOSOFIA MEDIEVAL

Apesar do período medieval ter ficado conhecido como a Idade das Trevas, a realidade é que como qualquer outro período, a Idade Média não pode ser tomada de forma homogênea. Especialmente por abranger uma longa faixa de tempo (V-XV) e por ter sido também uma época que nos legou a Universidade, alguns avanços científicos e alguns filósofos importantes.

A fonte do preconceito contra a Idade Média advém principalmente de intelectuais modernos, e até mesmo alguns medievais

como Petrarca, que influenciados pela cultura clássica (greco-romana) viam o período medieval como um momento obscuro da história, especialmente pela ascendência cultural do cristianismo. Porém, a realidade possui mais nuances do que se imagina.



Universidade de Bolonha. Iluminura do século XV

A filosofia clássica sempre esteve presente no cristianismo. Os primeiros teólogos cristãos eram treinados dentro da filosofia greco-romana do final do Império Romano. Mesmo um missionário como o Apóstolo Paulo, possuía uma forte influência da filosofia estoíca em seus escritos, como demonstram várias pesquisas. Aliás, não é exagero dizer que a filosofia cristã do período antigo e medieval, é uma releitura cristianizada da filosofia clássica, em especial do platonismo e do aristotelismo.

Isto ocorreu porque muitos daqueles que se converteram ao cristianismo entre os não-judeus, eram pessoas da elite romana e grega que tinham sido educados nas filosofias grega e romana. Este foi o caso, por exemplo, de Santo Agostinho de Hipona, que era de origem africana e nunca negou a influência da filosofia clássica sobre ele.

SANTO AGOSTINHO DE HIPONA



Pintura de Santo Agostinho

Certamente, Santo Agostinho (354-430) é um dos teólogos e filósofos mais influentes do cristianismo em geral, e da idade média, em particular. Aliás, é importante lembrar que a filosofia medieval é fortemente influenciada pelo pensamento cristão. Mas antes de iniciarmos o estudo de Agostinho, é importante entendermos que a filosofia medieval está dividida em duas fases:

- ▶ **Patrística (séc. I ao séc. VIII)**
- ▶ **Escolástica (sec. IX ao séc. XV)**



Chamamos de Patrística os escritos dos primeiros teólogos cristãos, chamados de “Pais da Igreja”, que elaboraram várias obras para fundamentar os dogmas do cristianismo e defender a Igreja dos ataques dos pagãos e de tudo que fosse considerado desvio da ortodoxia. Já a Escolástica, procurou responder a questões como a existência de Deus e as relações do homem com a fé.

Santo Agostinho foi o maior representante da tradição patrística. Fortemente influenciado pelo Platonismo, ele buscava uma justificação para a religião que não fosse dependente somente da fé. Mas apesar de reconhecer a importância da razão, Santo Agostinho chegou à conclusão de que no fim das contas, a luz divina é que permitia aos humanos reconhecerem a verdade da religião.

Partindo do platonismo para depois negá-lo, Santo Agostinho reconhece a existência de verdades inatas gravadas na alma imortal. Estas verdades são, evidentemente, alicerçadas na religião cristã. Deus, por exemplo, é visto como a garantia da verdade e da possibilidade do conhecimento, pois a sua natureza é eterna e imutável. A verdade não poderia se fundamentar no ser humano, pois este é imutável e imperfeito.

Por outro lado, este conhecimento, como já foi dito, necessitava da luz de Deus. Isso ficou conhecido como a Teoria da Iluminação Divina. Entretanto, Agostinho reconhecia que existiam coisas que dependiam somente da fé. Então, na realidade, ele adotou uma postura mediana entre fé e razão.

Quanto a outros assuntos, como a existência de Deus, embora tenham sido mais trabalhados pelos filósofos escolásticos, também receberam a atenção de Agostinho, que trouxe explicações fundamentadas na lógica. Segundo ele, antes da criação do mundo não existia um “antes”, pois tudo foi criado por Deus, inclusive o tempo.

Mas certamente, uma das maiores contribuições de Agostinho de Hipona foi em relação à explicação para a existência do mal. Segundo ele, Deus, que é infinitamente bom e perfeito, não criou o mal. Na realidade, é o ser humano que, ao usar o seu livre-arbítrio, acaba se afastando do bem, ou dito de outra maneira, se afasta do próprio Deus. O mal é assim, a ausência do bem.

SÃO TOMÁS DE AQUINO



Assim como Santo Agostinho, São Tomás de Aquino fazia parte da Igreja Católica. Mas enquanto o primeiro era bispo, o segundo foi um frade dominicano. Outra diferença reside nos modelos filosóficos pagãos utilizados por um e por outro. A forte influência platônica presente em Agostinho, cedeu lugar a uma influência aberta de Aristóteles no caso de Tomás de Aquino.

Além de ter sido um grande comentador de Aristóteles, Tomás de Aquino buscou sintetizar a



filosofia do estagirita com os dogmas cristãos. Por outro lado, assim como o bispo de Hipona, ele também buscou equilibrar razão e fé. Nisto, ele é especialmente tributário do filósofo islâmico Averróis.

Mesmo que ele tenha se colocado na realidade como um opositor das teses do filósofo muçulmano, Tomás de Aquino, assim como ele, admitiu que a razão também poderia conduzir a Deus, só que por um caminho distinto da fé. Neste sentido, são muito conhecidas as suas **teses lógicas para a existência de Deus**.

1. O movimento do Universo deve ter uma causa. (Conceito de primeiro motor).
2. Todas as coisas são causas e efeitos.
3. O que é contingente precisa de uma causa não contingente para poder existir. – Puro ato.
4. Se há bondade, há um “bem em si” que lhe serve de parâmetro.
5. A regularidade das coisas não é casual: Há uma ordem do Universo.

Este primeiro motor, presente na filosofia aristotélica, é identificado por São Tomás de Aquino com Deus, pois assim como o motor imóvel moveu tudo e não foi movido, Deus a tudo criou e não foi criado.

Por outro lado, São Tomás de Aquino contribuiu com uma teoria sobre a felicidade, ao afirmar que o ser humano, ser finito, não teria condições de sentir felicidade com nada além das coisas divinas, que são eternas. Portanto, os humanos só superariam a insatisfação por meio da beatitude, ou seja, da vida dedicada a Deus.

ANOTAÇÕES

- ✉ contato@biologiatotal.com.br
- 📺 [/biologiajubilit](#)
- 📷 [Biologia Total com Prof. Jubilut](#)
- 📘 [@biologiatotaloficial](#)
- 🐦 [@Prof_jubilut](#)
- 📌 [biologiajubilit](#)



Sanctus / Dominicus

Sanctus / Augustinus

Sanctus / Benedictus

